

Constituinte 26 JUN 1980

Porto Alegre

Desde que o presidente Geisel falou em abertura e desde que passou o bastão do revezamento que teve início em 64 para as mãos de seu sucessor direto, general Figueiredo, que a bandeira da Constituinte foi levantada. Falar em abertura, em marcha para um regime democrático, sem passar pelo processo da eleição através do voto direto, é uma burla que não engana mais ninguém. Torna-se difícil, hoje em dia, saber até onde vai a abertura e até onde o regime arbitrário é mantido intacto.

Um exemplo claro está no recente Estatuto dos Estrangeiros, enviado pelo governo ao Congresso brasileiro, já com suas cartas marcadas. É evidente que o golpe foi pensado em termos de expulsar do País não os estrangeiros que aqui estão com seus negócios abertos e funcionando, que estão à frente das multinacionais, que se hospedam nas grandes redes internacionais de hotéis. Trata-se de uma clara manobra para expulsar do território nacional os 200 ou 300 mil uruguaios, argentinos, paraguaios e chilenos que se encontram no Brasil de maneira mais ou menos irregular e que fogem espavoridos das torturas e das mortes impostas pelos duros regimes ditatoriais existentes naqueles países. Simplesmente vão jogar na fronteira de cada país os indesejáveis fugitivos das ditaduras e que aqui no Brasil terminaram por casar e ter filhos. Pois o Estatuto não quer saber de detalhes como esses: mesmo casados com brasileiras serão expulsos; mesmo tendo filhos brasileiros, serão expulsos. Em outras palavras, como eles não deixarão no País os brasileiros seus familiares, o

governo encontrou um meio de expulsar brasileiros, o que é inacreditável.

Poucas pessoas têm falado nisso, poucos deputados estão de fato interessados em dizer um rotundo não a este tipo de lei casuística. O governo poderá, em futuro próximo, expulsos os "Indesejáveis", dar um passo atrás e confessar de público que de fato a lei era demais draconiana. Mas aí já terá mandado para fora do País milhares de cidadãos cujo único crime foi o de não aceitar os regimes ditatoriais impostos aos seus povos.

Enquanto isso, militares opinam abertamente sobre o nosso sistema político e dizem, nas suas entrelinhas e no vigor com que se manifestam, o que devem fazer os civis que temem novos golpes e novas ondas de repressão. Claro, é difícil esquecer o que houve neste País entre 64 e nossos dias. Ninguém mais pode esconder uma realidade que foi das mais chocantes da nossa História.

Só o chamamento do povo às urnas para eleger seus representantes, que se encarregarão de redigir uma nova Constituição para este maltratado País, dirá das intenções do governo em abrir o Brasil para a democracia. Fora de uma Constituinte, estaremos tentando enganar o povo e nos ameaçando a cada dia de novas prisões sem mandato e de novas torturas e desaparecimentos.

J.G.